Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

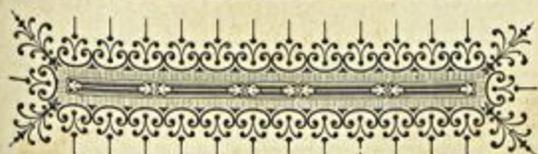
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

14.º ANNO — VOLUME XIV — N.º 459

21 DE SETEMBRO DE 1891

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Na nossa ultima chronica fallámos largamente das festas explendidas com que na Beira Baixa foram recebidos o Rei e a Rainha de Portugal, e hoje já temos que registar mais festas populares em honra da Familia Real portugueza, festas em Cascaes para receber el-rei D. Carlos e sua augusta esposa, que pela primeira vez depois do seu advento ao throno vae para ali passar a epocha balnear, festas na Granja para onde sua magestade a Rainha D. Maria Pia, acompanhada pelo sr. infante D. Affonso, foi pela primeira vez passar o mez dos banhos.

A ida da augusta viuva d'el-rei D. Luiz para a Granja foi uma boa fortuna para aquella praia e para a praia sua visinha, para Espinho, onde este anno, segundo informações directas que de lá temos a epoca corria desanimadissima.

A presença da gentilissima soberana levou a vida, a animação aquellas praias, deu-lhes de repente um tom elegante, um ar festivo, que ellas nunca tiveram e está chamando para essas duas praias, quasi paredes-meias, numerosa concorrencia, principalmente das provincias do norte.

A sr.ª D. Maria Pia teve na Granja uma recepção enthusiastica, e todos os dias os comboyos do Porto vão para a Granja cheios de gente que vae ali cumprimentar e ver a rainha que tão fundas sympathias tem em todo o paiz e muito principalmente na cidade invicta, onde está ainda bem viva na memoria de todos a visita da esposa d'el-rei D. Luiz quando foi a tragica e sinistra catastrophe do Baquet.

* * *

Em Cascaes a recepção d'el-rei D. Carlos e da rainha D. Amelia não foi menos enthusiastica nem menos brilhante.

A sociedade elegante que ali está passando a temporada dos banhos, tendo á sua frente o presidente da camara de Cascaes, o nosso particular amigo o sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, a quem Cascaes deve tão relevantes serviços e tão notaveis melhoramentos, organisou varias commissões entre as quaes destribuiu os trabalhos dos festejos, festejos nas ruas, festejos no mar, illuminações, corridas de cavallos, regatas, bailes etc.

N'essa lista de festas entrava tambem uma recita no theatro de Cascaes, theatro do sr. Conde de Magalhães e por sua ex.ª amavelmente cedido para esse fim.

Tudo estava preparado para essa recita.

O sr. Jayme Arthur da Costa Pinto tinha-se dirigido á empreza do theatro da Avenida para que n'essa recita de gala, se representasse o *Burro do sr. Alcaide*, opera portugueza pelo assumpto, pelo libretto, pela musica e pelos seus auctores.

Para a realisação d'esse plano havia algumas difficuldades, sendo a principal a de no dia em que a recita se devia realisar, a companhia estar já desmanchada, pois as escripturas de todos os artistas do theatro da Avenida terminavam no dia 15 e depois d'esse dia tres artistas d'esse theatro, Lucinda do Carmo, Joaquim Ferreira e Alves pretenciam ao theatro de D. Maria, dois, Valle e Annibal Pinheiro ao theatro do Gymnasio, e finalmente outros dois, Candida Palacio e Setta da Silva ao theatro da Trindade.

Entretanto essa difficuldade venceu-se quasi que n'um abrir e fechar de olhos. Todos os artistas tanto estes como todos os outros, que faziam parte da companhia da Avenida e que estavam sem escriptura accederam promptamente ao convite que lhes foi feito pelo sr. Jayme Pinto: as emprezas a que aquelles pertenciam auctorisaram-os a tomar parte na recita, excepto a empreza de D. Maria, que allegou oppor se a isso o seu regulamento interno.

Era um embaraço esta recusa, mas não

GENERAL DE DIVISAO JOSÉ PAULINO DE SÁ CARNEIRO—Fallecido em 4 do corrente

(Segundo photographia)

embaraço inseparavel porque no ultimo caso esses artistas seriam substituidos, mas a difficuldade surgiu precisamente do grande acolhimento que teve a idea da recita de gala.

Morreu d'uma indigestão de *successo* o plano d'essa recita.

O theatro de Cascaes é pequenino, tem um limitadissimo numero de camarotes e a platea comporta apenas 120 espectadores.

Os pedidos choveram de todos os lados aos centos, aos milheiros, e pedidos d'esses a que não se podia dizer que não, e a que o tamanho do theatro não deixava dizer que sim: e vendo-se esmagado por esse problema insoluvel de metter o Rocio na Bitesga, a commissão dos festejos não encontrou outro meio de sahir da difficuldade senão o de pôr a difficuldade fóra, desistindo de dar a recita.

E foi por isto, segundo nos contam que a recita de gala, desappareceu dos planos dos festejos com que a povoação de Cascaes recebeu os seus augustos hospedes.

* * *

Dissemos que a empreza do theatro da Avenida terminára as suas escripturas no dia 15 do corrente mez e de facto terminou as, mas á empreza que até esse dia explorára o theatro succedeu logo outra empreza, ou antes a mesma com menos dois socios, que pelas suas escripturas artisticas foram chamados a outros theatros, a actriz Lucinda do Carmo e o actor Valle, e os trabalhos da nova empreza começam no dia 1 do proximo mez d'outubro devendo o theatro abrir de novo as suas portas no dia 10 d'esse mez, com a 33ª representação do *Burro do sr. Alcaide* sendo o papel que era desempenhado pelo actor Valle desempenhado pelo actor Dias, o do actor Setta pelo actor Correia, o do actor Ferreira por um actor novo que vem do Porto, o de Lucinda do Carmo, pela actriz Fantony e o de Candida Palacio por uma actriz nova que é muito gentil e tem uma voz muito bonita, Mademoiselle Labarrére, filha da atriz franceza Labarrére que veio a Lisboa em 1876 com a companhia da Preciosi e de Maria Denis, e que cá ficou e cá morreu, deixando só no mundo essa pequenita que hoje tem 17 annos, e que n'esse tempo tinha apenas anno e meio.

A empreza da Avenida teve que interromper assim por 20 dias os seus trabalhos não só para ensaiar as substituições, como tambem para a actriz Cinira Polonio ter uns dias de descanço e ir ao Gerez fazer uso das aguas.

E vamos entrando na estação theatral.

No dia immediato ao da Avenida interromper por dias os seus espectaculos, abriu as suas portas o theatro da Trindade com o *D. Cezar de Bazan*.

A companhia da Trindade é quasi a mesma da epoca passada tendo a menos as actrizes Blanche e Rogelia Cardó e a mais a actriz Candida Palacio, o actor Setta e uma actriz nova cujo nome esquecemos

No dia seguinte, 17, inaugurou a sua epoca o theatro de D. Maria com a comedia *Guerra em tempo de paz*.

A companhia d'este theatro foi reforçada este anno com uma actriz de grande indiscutivel valor — Lucinda do Carmo e tem a mais duas debutantes, a sr.ª Iva Ruth, que nos dizem ter talento, e que tem tido grandes successos em theatros da provincia, e uma outra actriz nova tambem, que nos affiançam ser muito illustrada e ter merito

Tambem no elenco figuram alguns actores novos, e deixaram de figurar os actor Joaquim Costa, e o actor Pinheiro e actriz Amelia da Silveira que faz parte da companhia, mas só tarde virá este anno retomar o seu lugar, pois anda em *tornée* artistica pelo Brazil.

* * *

O theatro do Gymnasio abriu as suas portas no dia 18 com o *Toupinel que Deus Haja*, por não estar ainda em Lisboa o actor Silva Pereira que tem papel importante na *Em boa hora o diga*, a peça que foi cortada pelo encerramento da epoca. Além de todos os artista que tinha no anno passado figuram a mais no elenco d'esta epoca o notavel actor comico Joaquim Costa, o actor Annibal Pinheiro, a actriz Maria Falcão, que estava no Principe Real, e uma actriz nova que é muito bonita e tem grande vocação para o theatro, ao que nos dizem.

E aqui tem as alterações que ha este anno nas companhias dos principaes theatros de Lisboa, e do que n'elles se for passando iremos informando os nossos leitores.

* * *

E já que estamos fallando em theatros não queremos deixar de nos referir a um theatrinho pequeno, d'um genero especial e dirigido a um publico tambem muito especial, e que recentemente se installou na rua de D. Pedro V, a antiga rua do Moinho de vento, á Patriarchal.

Chama-se *Bijou infantil* esse theatrinho, o seu genero, fantoches, o seu publico, creanças.

E é realmente um *bijou* esse theatrinho armado n'uma sala espaçosa e muito limpa, muito acceada.

O seu emprezario e o seu actor é o sr. Chaves, um ex-actor que em tempo representou com certo successo em theatros populares o papel de general Boum, e que tem innegavelmente uma especial habilidade para fazer *fantoches* e para trabalhar com elles.

Muito laborioso, muito activo, muito fura-vidas o sr. Chaves tem porem até agora sido pouco feliz, a sorte não lhe tem sorrido, parece porém que começa a sorrir-lhe agora, a caprichosa deusa, porque o theatro Bijou está tendo grande concorrencia, e não só de creanças, de pessoas grandes tambem que se divertem muito com os espectaculos que lhes fornece o sr. Chaves.

Esses espectaculos são realmente divertidos, e mais divertidos seriam se o sr. Chaves substituisse os palhaços e acrobatas que constituem a 1.ª parte por um d'esses actos tradicionaes das velhas marionettes, d'essas marionettes que ha 40 annos andavam pelas barracas de feira e que são ainda hoje a obra prima do genero, que levam de vencida, pela sua graça original e pelos seus gracejos ingenuos, todos os fantoches luxuosos e aperfeiçoados que depois d'isso se tem inventado lá fóra.

A segunda parte — exposição de vistas é interessante, porque algumas das vistas são muito bonitas, mas muito mais interessante seria se a exhibição do scenario fosse acompanhado de qualquer pantomima, supprimindo-se uma dança de esqueletos no cemiterio, dança lugubre e de mau gosto pois não diverte ninguem e assusta demasiadamente as creanças, o publico a quem o espectaculo é consagrado.

A ultima parte do espectaculo, a da ventriloquia é deveras magnifica, divertidissima e é ella que está fazendo o successo do theatro Bijou.

Algumas das experiencias de ventriloquia são optimas, irreprenensiveis e attingem tudo o que de mais perfeito se tem feito n'estes trabalhos.

O theatro Bijou está chamando grande concorrencia e é de plena justiça.

* * *

A respeito do crime mysterioso do Convento das Trinas foi já intimada pronuncia á irmã Collecta como auctora de homicidio voluntario com premeditação.

Estará ella realmente culpada?

Estará innocente?

Quem o sabe?

A opinião publica a este respeito póde sinthetysar-se na phrase d'um nosso amigo que ha noites, passando em frente do Aljube e fallando a respeito da irmã Collecta disse:

— Quando leio o *Seculo* parece-me que a irmã Collecta está innocente, mas quando leio as *Novidades* parece-me que está culpada!

Gervasio Lobato

AS NOSSAS GRAVURAS

GENERAL SÁ CARNEIRO

E' com profundo pesar que assistimos a este desfilar para o tumulo, de tantos portuguezes illustres que nasceram com este seculo e que com elle se vão indo para a eternidade.

Foi tão fecundo o principio d'este seculo em homens de valia quanto vae sendo esteril, no occaso de que se approxima.

E esta uma triste verdade que se está evidenciando em cada dia desconsoladoramente, com este desmoronar, sem novos elementos de reedificação solida.

Estas considerações não podem deixar de nos accudir ao pensamento ao vermos desapparecer esses homens que se empenharam nas luctas pela liberdade, que souberam fazer triumphar a sua causa, atravez de todos os perigos e sacrificios, firmes no seu ideal, convictos da causa por que se batiam, cheios de crenças, de fé no futuro.

José Paulino de Sá Carneiro foi um d'esses, sobre que, ainda ha poucos dias se abriu a campa, ao fim de oitenta e tres annos de idade, quasi todos consumidos no serviço da patria.

Nascido em 1808 sentou praça aos desaseis annos e em 1834 era promovido a alferes, entrando pouco depois nas campanhas de D. Pedro IV contra o governo de D. Miguel. Foi ainda n'essas campanhas (1833) que foi promovido a tenente, e em 1837 a capitão.

Era dos mais illustrados officiaes do seu tempo, e de genio irrequieto e valente, figurou largamente na politica, que então era exaltada e agitava as massas populares fazendo-as viver na revolução como no seu mais favorito elemento.

Foi uma epoca revolucionaria aquella que se contou de 1820 a 1851 em Portugal, depois das guerras da invasão franceza mal apagadas ainda no paiz.

Hoje, depois de quarenta annos de paz, mal se comprehende no nosso paiz, como se poude viver assim e como a nação resistiu de pé a tão calamitosos tempos.

Pois foi assim que se crearam esses homens, cuja perda hoje lamentamos, e de que difficilmente surgirão outros d'este meio enervado e commodista em que vivemos, acalentados pelas doçuras da paz qne temos desfructado.

Pois em todo aquelle periodo de luctas que se seguiram á implantação da liberdade no solo portuguez, até ao accordo dos partidos e tolerancia politica inaugurada em 1851, José Paulino de Sá Carneiro, tomou parte muito activa, sustentando sempre os seus brios de militar valente e illustrado.

Fez parte da divisão militar portugueza que foi a Hespanha auxiliar a sustentar no throno a rainha D. Izabel II

Foi-lhe confiado o commando de differentes corpos de infanteria a principiar pelo n.º 7 e n'estas commissões affirmou sempre as suas grandes qualidades de disciplinador austero e a um tempo justiceiro.

Outras commissões importantes de serviços militares foram confiadas á sua illustração, e entre estas a de director do Real Collegio Militar.

Militar scientifico escreveu sobre sciencia militar artigos e memorias de valor.

Foi por vezes eleito deputado ás côrtes e por ultimo nomeado par do reino vitalicio.

Os seus meritos e valor militar eram tão reconhecidos que, tendo militado no partido regenerador, um governo progressista, em 1886, teve que lhe confiar o commando da 1.ª divisão militar, logar que exerceu durante quatro annos, até 1890, sendo então reformado por assim o exigir a sua avançada idade

O fallecido monarcha D. Luiz I tinha em grande conta os merecimentos do illustre general, e quando, em 1885, enviou ao imperador da Allemanha Guilherme I, uma espada de honra, foi o general Sá Carneiro o escolhido por El-Rei para ser o portador do regio presente.

Era ajudante de campo de El-Rei e tinha alem das medalhas das campanhas da liberdade algarismo 9 e a de prata, as grã-cruzes da Torre Espada e Aviz, commenda de Christe e da Legião d'Honra, cavalleiro de Izabel a Catholica e da Conceição e a medalha d'ouro de comportamento exemplar.

O general Sá Carneiro reunia ás qualidades de official combatente as de official de gabinete, realçadas ainda por um trato da mais requintada delicadeza

A sua illustre familia enviamos a expressão do nosso pezar por tão irreparavel perda.

JULIO GRÉVY

O telegrapho trouxe no dia 10 do corrente a noticia da morte de Julio Grévy, na sua casa de Mont-sous-Vandrey, e no seio da sua familia, longe da vida activa da politica de que se retirara desde que deixou a presidencia da republica.

O ex-presidente da Republica Franceza, foi um luctador austero, sempre firme nos seus principios e prestou á França relevantes serviços, que ella não poderá esquecer nunca.

Filho de lavradores abastados, Julio Grévy nasceu em Mont-sous Vandrey a 15 de agosto de 1813, pelo que contava 78 annos e 17 dias quando falleceu.

Seguiu estudos superiores dedicando-se ao Direito, de que concluiu o curso em Paris, e em 1839 já advogou a causa dos irmãos Barbes.

Ainda estudante assistiu á tomada do arcebispado de Paris, em 1830, e desde os bancos das es-

colas que se manifestou decidido liberal, pelo que se tornou logo conhecido entre os seus collegas que perfilhavam as mesmas idéas.

Quando em 1848 foi proclamada a republica em França, Julio Grévy foi nomeado perfeito do Jura, e eleito á assembléa constituinte por 65:150 votos, sendo o mais votado dos 8 representantes d'aquella provincia.

Grévy occupou n'esta assembléa a vice-presidencia, e quando se propoz a questão da presidencia da republica, elle votou com a esquerda da camara contra a instituição d'esta presidencia, propondo que o poder executivo fosse delegado n'um cidadão, que receberia o titulo de presidente do conselho de ministros, nomeado pela Assembléa Nacional, por maioria absoluta de votos e por escrutinio secreto. O presidente seria eleito por tempo elimitado e poderia ser destituido em qualquer occasião.

Esta proposta de Grévy foi regeitada por 643 votos contra 158, e no entanto ella poderia ter evitado o golpe de estado de Dezembro.

Julio Grévy, porem, fez sempre opposição aberta ao presidente Luiz Napoleão, manifestou-se contra a expedição a Roma, contra a lei de 31 de maio e contra a revisão da constituição de 1848.

Com a queda da republica retirou-se á vida particular exercendo a sua profissão de advogado.

Assim permaneceu até 1868, em que os eleitores de Jura o instaram para acceitar o seu mandato, elegendo-o pela terceira vez seu representante em cortes.

Ahi continuou a sua opposição ao imperio recrutando muitos adeptos ás suas idéas, de modo que em 1871 era considerado um dos homens mais liberaes da França, o que lhe valeu o ser eleito por 549 votos presidente da Assembléa Nacional, cargo de que deu a sua demissão a 2 de abril de 1873.

A causa d'esta demissão é um facto extremamente honroso da vida politica de Grévy.

Na assembléa um deputado, mr. Gramout, sahira fóra da ordem n'uma discussão e o presidente advertiu o orador. Alguns deputados protestaram contra a advertencia do presidente, mas Grévy insistiu serenamente e antes de encerrar a sessão dirigiu-se á assembléa nos seguintes termos:

«Meus senhores.—Se eu não cumpro as minhas funcções como tendes o direito de exigir, é preciso que eu saia. Não pedi nem procurei o cargo de que me investistes. Este cargo tenho-o desempenhado consoante as minhas forças e com toda a justiça e imparcialidade que possuo. Se, em compensação, da vossa parte não encontro a justiça a que julgo ter direito, sei o que tenho a fazer.»

E no dia seguinte enviou, por escripto, a sua demissão á assembléa. Esta procedeu a uma votação em que tornou a eleger por 349 votos. Grévy presidente, mas elle presistiu na sua demissão, tomando o logar de simples deputado.

Em 1876 eleito deputado pelo Dôle foi tambem eleito novamente presidente da assembléa por 462 votos em 468 votantes.

Este periodo legislativo foi, como se sabe, um dos de maior lucta que terminou pela dissolução da camara decretada pelo presidente Mac-Mahon.

Voltou Grévy novamente á camara e esta tornou a elegel-o seu presidente. A attitude da nova camara, porém não se modificou e impôz a demissão do presidente Mac-Mahon. Grévy foi consultado n'essa occasião pelo presidente da Republica, sobre o caminho que tinha a seguir, e o seu conselho foi de que se demetti se Mac-Mahon.

Foi então que a assembléa o elegeu presidente da Republica, logar que desempenhou até 2 de Dezembro de 1887.

O seu governo é bem dos nossos dias e por isso bem conhecidos os seus actos como presidente da Republica Franceza. Cumpridor austero da lei soube sempre conservar a imparcialidade que convinha á sua posição, e as grandezas do poder não alteraram os habitos simples da sua vida modesta e desprendida de vaidades.

Homem da familia vivia para ella nas horas que lhe ficavam livres das suas funcções publicas, e foi para elle o maior desgosto o ver um seu parente, o seu genro Wilson, accusado pelo publico como auctor de fraude que o envergonhava.

Grévy reconhecendo que eram fundadas essas accussções, entendeu, na austeridade do seu caracter, que não devia com a sua presença no poder entebiar a acção da justiça, e demittiu se.

Mais uma vez soube cumprir o que devia.

A França fez-lhe inteira justiça e Freycinet á beira da sepultura de Grévy lembrou quanto elle tinha contribuido para a consolidação da republica em França, com a extrema habilidade com que tinha presedido aos seus destinos, no longo periodo de dez annos.

UMA EXPEDIÇÃO INGLEZA AO RIO PUNGUE

Quando se travava mais rija a lucta diplomatica entre Portugal e a Inglaterra, lucta que os nossos fieis alliados procuravam acirrar invadindo os nossos territorios e levantando a cada instante confflictos novos, uma expedição ingleza dirigia-se para a Machona, pelo rio Pungue, cuja navegação lhes foi provisoriamente concedida, o que esteve longe de os encher de enthusiasmo

E' curioso seguir as impressões da expedição na breve narrativa publicada pela *Illustrated London News* e illustrada por algumas gravuras. A expedição foi embarcada no pequeno vapor *Venice* que fazia o serviço da costa de Moçambique; levava comsigo tres irmãs inglezas da Cruz Vermelha, cuja dedicação, coragem e serviços são altamente elogiados. Eram a irmã Aimée, irmã Beryl e irmã Lucy, que no mundo profano se chamam miss Blennerhasset, miss Welby e miss Sleeman.

O aspecto da Beira causou-lhes um verdadeiro horror, que ainda redobrou quando tiveram de experimentar as agruras da sede, porque era necessario ir buscar agua fresca a 20 milhas de distancia, ao calor implacavel do sol, e o sujeitarem-se ao frio gelido e aos insalubres orvalhos da noite. Quando desembarcaram, não poderam levar á paciencia que grupos de soldados portuguezes e de indigenas estivessem tranquillamente a olhar para elles sem os ajudar Tinha graça! Esperavam aquelles senhores que ainda lhes fossem offerecer a mão, e dar-lhes as boas vindas!

O vapor em que deviam subir o Pungue chamava-se *Synes*, e a 13 de junho começaram a viagem que foi tormentosa. Como esperavam que a jornada fosse mais curta, não levaram provisões, sufficientes, e passaram fome no caminho. O navio esbarrava a cada instante, e eram necessarios esforços herculeos para o pôr a navegar. A impressão do seu espirito era de um profundo abatimento, e de um tedio mortal. Uns entretinham-se a jogar as cartas, outros a contemplar os hypopotamos e os crocodilos que appareciam nas aguas. Tudo isto porem era uma rosea existencia comparado com o que tiveram depois que supportar.

Em Mponda largaram o vapor e desembarcaram, mas levantaram o acampamento junto de um pantano. Estavam cercados de animaes ferozes por todos os lados, e tinham as tendas cheias de ratos. O somno das suas noites era perturbado pelos uivos dos lobos e das hyenas, e ás vezes pelo rugido do leão. Poucos escaparam ás febres, e então é que lhes foram uteis os serviços prestados pelas tres irmãs da Cruz vermelha, que foram as dedicadas e intrepidas enfermeiras de todos os doentes. A febre fazia-os delirar, e foi de certo esse delirio que os fez ver mais bichos do que os que havia na realidade. Diziam que estavam cercados de cobras e crocodilos. Era profundo o seu desanimo.

A *Illustração* ingleza não sabia mais da sua jornada. Constou-lhe que a continuariam a pé, indo as mulheres em *machilas* e sendo as bagagens transportadas por indigenas. Fazia votos para que elles chegassem sãos e salvos ao Forte Salisbury.

A conclusão que tirou o jornal inglez d'esta viagem era que a costa oriental da Africa devia ser deixada á occupação dos Portuguezes, porque é essa a base do direito internacional, segundo o ponto de vista britannico: deixar aos outros o que não presta.

Por outro lado diziam tambem que o caminho de Machona pelo Pungue não é recommendavel. Porque o não pensaram mais cedo? Tinham-nos tirado de grandes amarguras e tinham poupado a si proprios actos que lhes não fazem honra.

Pinheiro Chagas.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

LINHA DA BEIRA BAIXA

(Continuado do n.º 457)

Sahido o tunnel respiramos ar mais livre; vendo á direita a velha ponte, e passando sobre duas outras, Villa Ruiva e Nossa Senhora, eis-nos na estação de Villa Velha de Rodam, onde deixamos o Tejo que se perde de nós para a direita, emquanto que o comboio, serpenteando em direcção ao norte, vence fortes rampas e largas curvas até transpor o grande viaducto de S. Pedro de 250 metros, sobre dois pilares metallicos á altura de 80 metros do fundo do valle.

Sentimos que temos subido bastante para que os horisontes se nos abram.

Com effeito a um e outro lado é immenso o espaço em que o olhar se espraia.

Ainda um tunnel e 3 viaductos, e eis-nos em Sarnadas, estação que serve pequenos logares do seu nome, Cebolaes de Cima, Alfrivida, etc.

Sahida esta, crusamos a estrada real, que desde então nos acompanha até Castello Branco, cidade onde temos estação, capital da Beira Baixa, e um centro já importante do paiz que vae agora melhorar immensamente com a nova via de communicação.

Segue se Alcains, pequena povoação que virá a ter certa importancia se por um troço de estrada a ligarem á de Idanha a Nova e Salvaterra do Extremo, por onde se faz rapidamente a communicação para a fronteira hespanhola e povoações mineiras de Zarza la Mayor. D'ahi vamos por Lardosa, subindo a serra da Gardunha, a Castello Novo e Alpedrinha onde o bello panorama do Valle dos Prazeres nos delicia a vista

Depois de costear a serra por algum tempo, um tunnel de 800 metros nol-a faz atravessar para a vertente norte.

Depara-se-nos então Alcaide e a sua ponte que atravessamos para parar na estação do Fundão, villa já afamada pelas suas saborosas fructas, a pera, a melancia, etc.

Estamos no valle do Zerere do qual atravessamos um affluente, o Meimôa, e logo depois o proprio Zezere na ponte que se representa a nossa gravura da pag. 2·6.

Já avistamos a grande distancia a Covilhã, a grande cidade industrial; para ella avançamos passando sob a villa de Tortozendo, e lá chegamos depois de um percurso de 166 kilometros desde Abrantes ou 301 desde Lisboa.

Da Covilhã em diante a construcção da linha avança rapidamente; d'ella vemos já, olhando da Covilhã, uma parte construida, tendo duas pequenas mas elegantes obras d'arte; o viaducto da Cerpinteira, de ferro, 50 metros de vão com dois encontros de alvenaria de 10 m, e o de 8 vaos de 10 metros em alvenaria, sobre a ribeira de Flandres.

Agora, que fallámos da linha, fallemos da viagem que ella nos facilita, referindo-nos á impressão que nos deixon a visita que fizemos áquella provincia, por occasião das festas da inauguração.

Seria em dois capitulos que diviriamos esta analyse se o espaço nol'o permittisse: Castello Brando e Covilhã. E não se pense que o fariamos porque foi n'essas duas cidades que permanecemos algum tempo; ou só porque n'uma e n'outra os festejos merecem menção especial.

Aparte balões e fogos de côres, todos os pontos do percurso se esforçaram por acclamar com enthusiasmo a inauguraçao da nova via de communicação, saudando as magestades que, pela primeira vez, se faziam ver n'aquella provincia, e todos os que as acompanharam.

Arcos triumphaes, pavilhões, musicas, foguetes, bandeiras, flores, vivorio, nada faltou nas estações do transito, e em algumas até, damas elegantemente vestidas e sorrisos finamente desenhados em rostos verdadeiramente bonitos.

As duas cidades, porém na antinomia dos seus aspectos, dos seus costumes, da sua situação, da sua vida em geral, da parte de linha que as procede, em tudo, destacam-se por tal fórma que de maneira alguma o viajante deixa de notar este contraste.

E vulgar em quem effectua repetidas viagens, confundir mais tarde as cidades ou as villas umas com outras; suppor que foi na Cannebière, de Marselha que viu o monumento de Colon, das ramblas de Barcelona: attribuir os rendilhados da sé de Badajoz á sé de Salamanca, etc. Mas mesclar um só ponto da Covilhã com outro de Castello Branco, isso é impossivel.

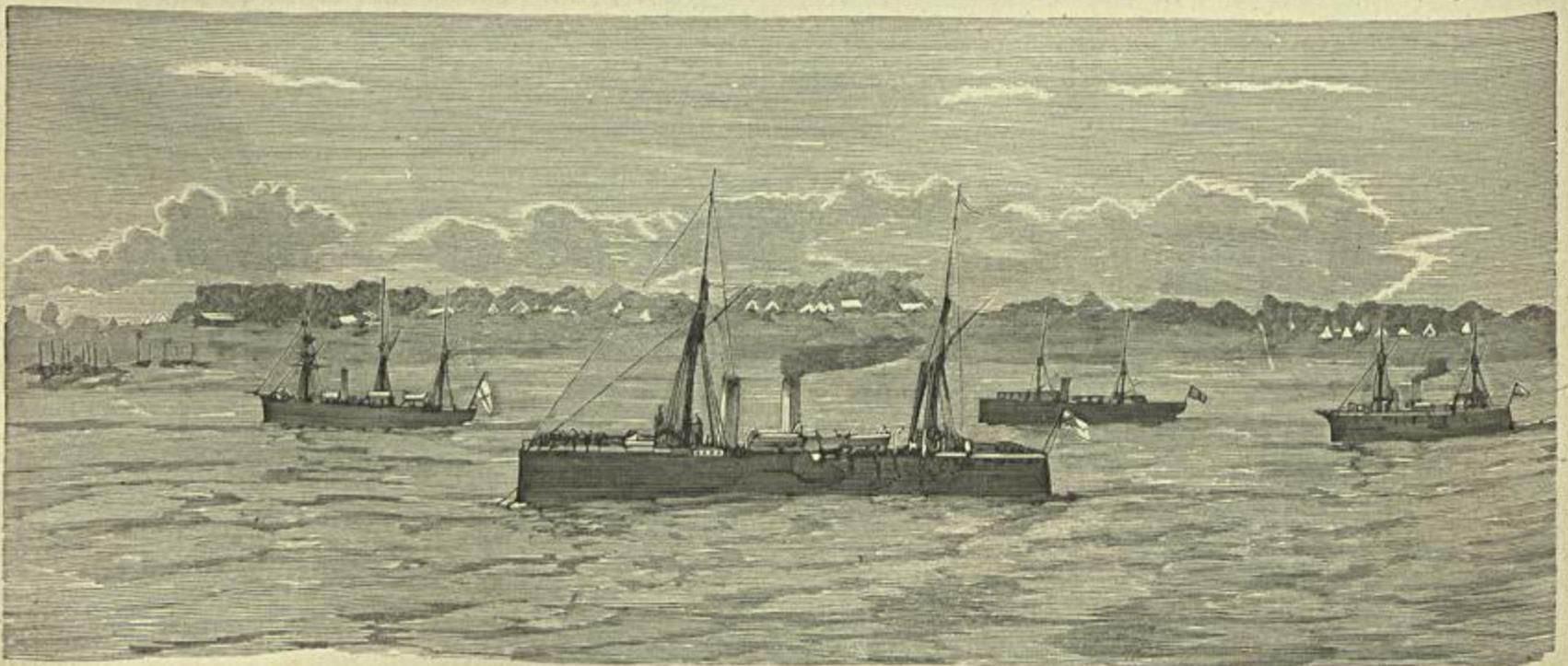
Esta é uma cidade plana, apenas com uma pequena elevação para o Castello que outrora lhe deu o nome, e que, diga-se a verdade, está hoje tão branco como a tinta com que escrevemos.

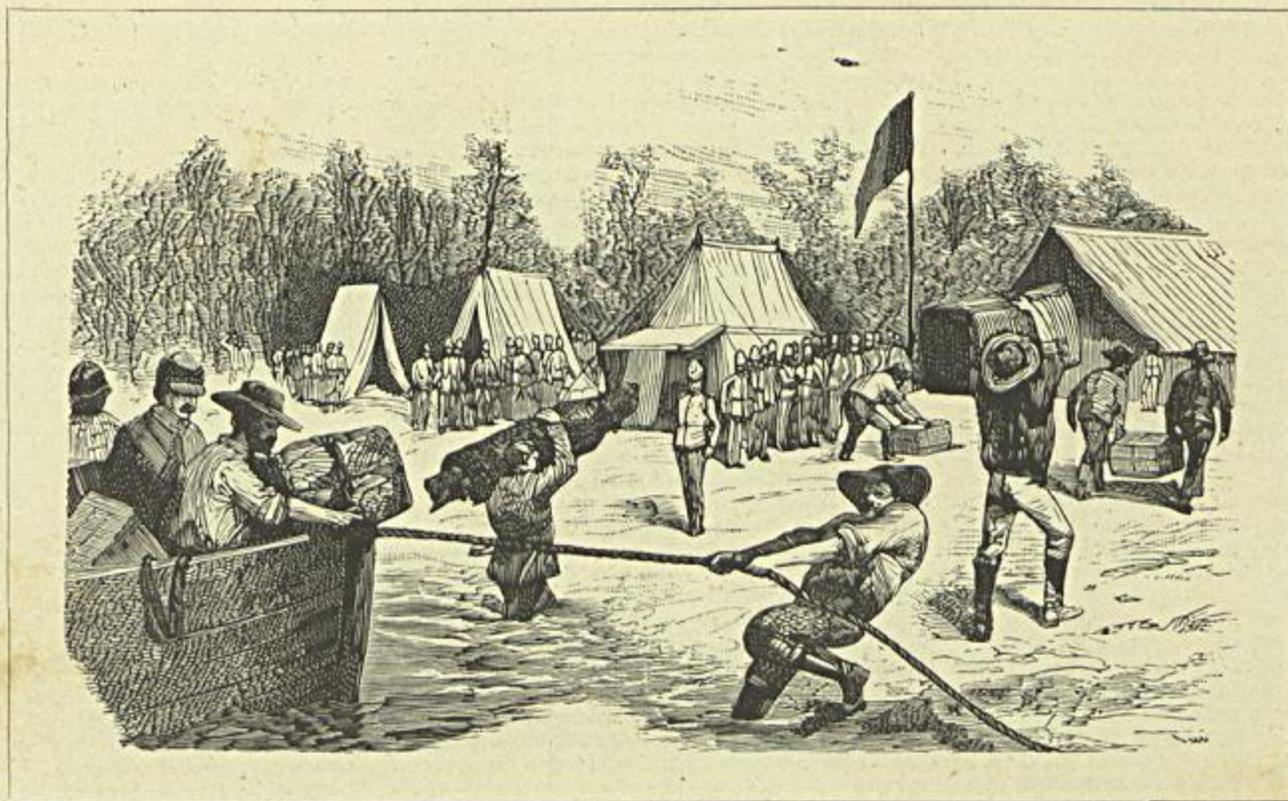
As suas ruas são largas, mal calçadas mas direitas, arejadas e claras.

Uns bellos jardins do paço do bispo, merecem visitar-se, especialmente pela curiosidade de uma escadaria ornada de estatuetas de cardeaes, um lanço, outro de reis, até D João IV. Antigamente havia jogos d'agua em diversos pontos d'este jardim, uma parte do qual era inundavel, figurando que as plantas nasciam debaixo d'agua.

Calcular-se-ha que dispendio enorme esta phantasia representava se dissermos que uma das singularidades de Castello Branco é, justamente, a falta de agua.

JULIO GRÉVY — Ex-presidente da Republica Franceza. — Fallecido em 10 do corrente

UMA EXPEDIÇÃO INGLEZA AO RIO PUNGUE

AFRICA PORTUGUEZA — O porto da Beira

UMA EXPEDIÇÃO INGLEZA AO RIO PUNGUE

DESEMBARQUE DA EXPEDIÇÃO INGLEZA, NO ACAMPAMENTO DA EXPEDIÇÃO MILITAR PORTUGUEZA NA BEIRA

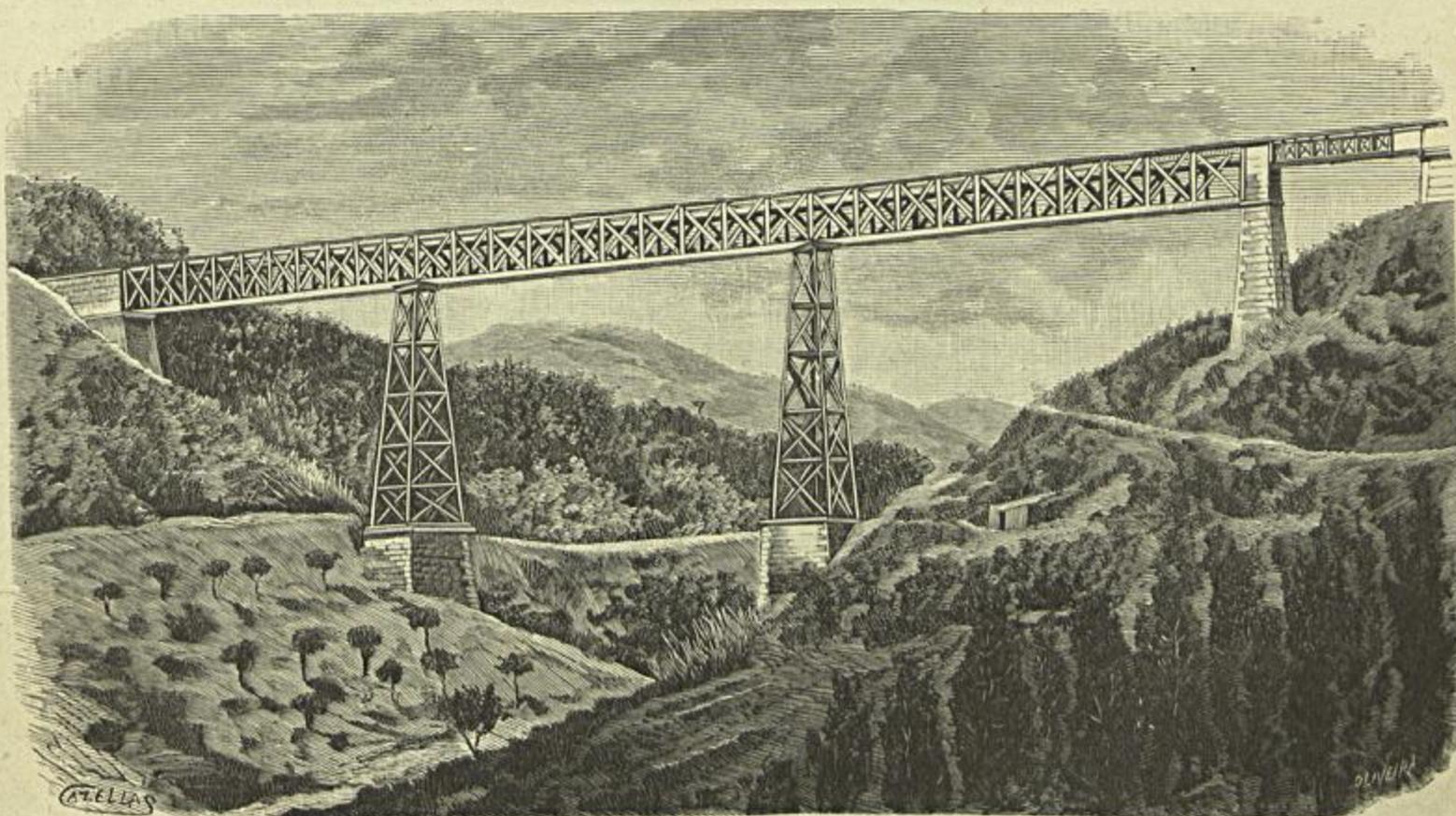
E essa falta muitissimo impressiona o viajante que vae de Lisboa.

Se tem sêde, trazem-lhe um copinho microscopico em que apenas consegue molhar a lingua; se quer lavar-se, tem um litro de agua no jarro, que não lhe chega para metade do rosto.

Faltam os grandes chafarizes jorrando á vontade; as fortes moçoilas apenas carregam, raras e offegantes, pequenos cantaros que levam á cabeça, como um producto raro, estimavel, de luxo quasi.

Ah! como o caminho de ferro vae mudar aquella cidade que evidentemente é bonita, alegre! Como elle a fará entrar na vereda dos melhoramentos sendo um dos primeiros a canalisação d'aguas que tanta falta lhe faz!

E hoteis? Isso tem feito a recordação inolvidavel de quantos lá foram.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

LINHA DA BEIRA BAIXA — VIADUCTO DE S. PEDRO

(Segundo um desenho do sr. Mauritty)

O hotel do Francisco tem tido as honras de capitulos inteiros, de grandes discripções da viagem, feitas pelos nossos collegas que ali foram.

É que Francisco n'aquelle dia estava com o seu mau humor, e os maus humores de Francisco são uma dynamite de má creação que onde estala tudo fica arrasado .. de tedio.

Umas amostrinhas da fórma porque elle trata os hospedes:

Um visconde, ouvimos nós, pedir, noite fechada, que lhe dessem o jantar depressa.

—Quer ir ver as festas, interrogou Francisco —espere; tambem eu quero e não sou menos do que qualquer visconde de má morte. A escravatura já acabou!

Um engenheiro muito conhecido pedia um copo d'agua.

— Não a tem no quarto? Se quer mais, é melhor que vá ao tanque.

A nós proprios, na unica vez que lá entrámos e que, em busca do quarto de um collega, seguiamos á noite por um corredor:

— Vá por ahi dentro; olhe que á direita ha uma escada; se quebrar as trombas não se queixe.

Então não é pyramidal, como dizia aquelle rei d'opereta?

Mas o que os leitores não sabem, o que não sabem os collegas que teem verberado as insolencias deste homem, é que elle é, por vezes. — quando lhe dá — um dos mais paternaes cascagrossas d'este mundo.

Um hospede de confiança queixava-se um dia de lhe ter faltado dinheiro para uns pagamentos;

— Para que está você a ralar-se? Chegam-lhe oitocentos mil réis? é o que tenho, pegue os lá e não venha para cá com lamurias.

E deu-lhe o dinheiro sem o menor documento.

Que a respeitavel firma Calcinhas & C.ª tão acreditada nos nossos cadastros de policia, não vá aproveitar-se dos raros dias bons do pobre homem.

De outra vez chegava-lhe ao hotel, cheio d'agua e de lama, um engenheiro da linha ferrea, que andava nos trabalhos.

Francisco fel-o sentar, descalçou-o elle proprio, friccionou lhe os pés com aguardente, calçou-lhe meias de lã, suas, e levantando-se contente perguntava-lhe:

— Então agora? Olhe que se não é cá o Francisco, você apanhava uma doença que o levava o diabo?

Além deste só conhecemos ali um *soi-disant* hotel, ou casa particular, do sr. Pinheiro, na rua do Pina, onde a boa sorte nos levou, porque fomos muito bem tratados

Em edificios, Castello Branco, sem os ter notaveis, tem alguns importantes, como o Paço do Bispo, e o governo civil onde el-rei esteve alojado.

Subindo ao castello, domina-se um vasto panorama de verdura, campos bem tratados, em todo aquelle largo valle

E agora vemos que a discripção nos levou todo o espaço.

Fica Covilhã para outro numero.

L. de Mendonça e Costa.

UM MOTIM THEATRAL

HA CINCOENTA ANNOS

(offerecido ao esclarecido escriptor dramatico o Ex.mo Sr. Gervasio Lobato)

Sabe-se que antes dos exforços de Almeida Garrett para levantar o theatro portuguez ao nivel do theatro estrangeiro, a arte dramatica era conhecida apenas de nome em Portugal. O Salitre elevado a *theatro nacional*, era simplesmente um casebre onde não havia nem declamação nem caracterisação, nem incitamento, e onde cada actor sem escola, nem mestre, nem arte, nem rumo, fazia o que muito bem entendia.

Em 1836 appareceu, dando algumas recitas no theatro na Rua dos Condes, uma companhia de actores francezes, entre os quaes se achavam madame Charton e os actores Paul e Charlet.

Essa companhia, não só pela novidade das suas representações, senão tambem pela maneira como as desempenhava, despertou a tal ponto a geral attenção, que o governo, ou antes, Manoel da Silva Passos, a instancias de Garrett, fez organisar uma commissão composta dos nossos melhores actores com o fim de estudarem as representações dadas por aquella *troupe*.

Madame Charton, notavel actriz franceza, Paul e Charlet foram os modelos e, — seja dito com verdade — tão bem se deram com elles os actores portuguezes que, pouco tempo depois, ao subir á scena no theatro da Rua dos Condes, em 27 de março, o drama: a *Duqueza de la Vaubalière*, desempenhado pela companhia portugueza e no Salitre o drama: — 16 *annos ou os Incendiarios*, foram notados com verdadeira surpreza, e não menos com patriotico enthusiasmo, os progressos que na arte haviam feito os nossos actores.

Pareciam outros, tal era o seu aperfeiçoamento. (¹)

Em vista de tão louvavel applicação e salutar aproveitamento, tratou-se desde logo de melhor applicar a aptidão dos nossos actores e fazel-os entrar no estudo e cultivo dos segredos da arte. D'ahi a lembrança da creação do conservatorio e da respectiva aula de declamação.

Corria o anno de 1837 e havia-se votado na camara dos deputados um subsidio annual de 6:000$000 réis com o fim de promover o aperfeiçoamento da arte dramatica em Portugal.

Mr. Paul nomeado mestre de declamação, indigitou Emile Doux como homem de reconhecido e comprovado merito para ensaiador.

Emile Doux foi desde logo convidado a dirigir as representações no theatro da Rua dos Condes, organisar a companhia e a escolher os dramas dos melhores auctores da moderna escola franceza.

O talentoso ensaiador fez-se então rodear de uma pleiade de bons auctores, entre os quaes já se distinguiam pelo seu talento Epiphanio, Ventura, Rosa, Victorino, Dias e o velho Matta, bem como as actrizes Talassi e Emilia das Neves.

Munido de tão valente cohorte Emilio Doux deu começo ás suas representações em abril ou maio do referido anno.

Ora aconteceu achar-se a esse tempo em Lisboa um emigrado italiano, natural de Lucca, chamado Cezar Perini, que, pretendendo supplantar Emilio Doux com o seu talento (pois o tinha, e tanto, que depois foi mestre de declamação no nosso conservatorio) convidou alguns dos nossos actores a acompanhal-o n'esse intento, e conseguindo raptar a Emilio o seu melhor discipulo — o actor Francisco Fructuoso Dias — formou com estes, e com alguns distinctos escriptores d'aquella epoca, entre os quaes se contavam Castilho e Herculano, uma poderosa empreza a que chamou: *Commissão litteraria regeneradora do theatro portuguez*.

O theatro nacional do Salitre foi o escolhido para baluarte d'essa companhia que tinha por fim não só derribar o famoso ensaiador francez, mas ainda conquistar o velocino d'oiro: — o desejado subsidio de 6:000$000 de réis votado para auxilio da arte dramatica portugueza.—

O actor Fructuoso Dias, o discipulo prófugo, tomou conta da direcção da scena. Cezar de Lucca, o habil toscano, encarregou-se da feitura dos dramalhões, Castilho e Herculano incumbiram-se da traducção das peças, n'esse portuguez vernaculo, n'aquella linguagem pura, castiça, immaculada, que tanto os fez distinguir e guindar acima dos seus contemporaneos.

O publico porem — cousa singular! — fugia do puritanismo de Castilho e Herculano e abandonava o theatro do Salitre!

Foi ante uma platéa quasi deserta que n'aquelle theatro se representaram os magnificos dramas: *Tres dias de um sentenciado*, *Filippe Mauvert* e tantos outros correctamente traduzidos e, devemos dizel-o — muito soffrivelmente desempenhados por Sargedas, Dias, Gil, Marques, Delphina Perpetua (que de bailarina se fez actriz) e ainda outros.

Já não acontecia o mesmo ao theatro da Rua dos Condes. Estava na móda. As *boas casas* succediam-se com frequencia e todos corriam áquelle theatro para ver e admirar os jovens discipulos de Emilio Doux. A *fina creme* da sociedade lisbonense frequentava-o com assiduidade, indo só de vez em quando por desfastio, ou para variar, ao Salitre, pois n'aquelle tempo só havia em Lisboa estes dois theatros, á excepção de S. Carlos.

Emilio Doux, como habil conhecedor das platéas, punha em scena os dramas de Victor Hugo, Alexandre Dumas e de outros auctores então em voga, que eram applaudidos vivamente. As traducções deixavam por vezes muito a desejar, mas que importava isso se o publico o que queria era ver representar bem. Enchia o theatro, ria ou chorava com os actores, applaudia muito e sahia satisfeito, resolvendo voltar no dia seguinte, sendo raro deixar de cumprir a intenção.

Foram noites cheias aquellas em que ali se representaram: a *Torre de Nesle*, *Thereza*, *Trinta annos ou a vida d'um jogador*, *Nodoa de Sangue*, os *Falsos Mendigos*, etc., e em que os traductores Costa e Silva, José Manoel d'Abreu e Lima, e Cyriaco da Silva auferiram os bons lucros do seu trabalho.

(¹) Veja-se a *Revista do Conservatorio. Introducção.*

* * *

Estavam pois em activa lucta os dois theatros, ambos denominados nacionaes e com pretenções a theatro normal e qual d'elles mais acirrado em derrubar o seu contendor.

As recitas da Rua dos Condes eram aos domingos, terças e quintas, as do Salitre seu rival, aos domingos, quartas e sextas.

Assestaram-se as baterias, accenderam-se os morrões e começou rijo o combate.

Do lado de Emilio Doux achavam-se os jornaes o *Athleta* e o *Nacional*, da parte de Fructuoso Dias e Cesar Lucca a *Revista*, o *Director* e a *Guarda Avançada*, redigida pelos irmãos Castilhos.

Carecia-se porem de um periodico de competencia, um jornal que especialmente viesse á arena da imprensa tratar de assumptos puramente theatraes e seguir com galhardia as tradições do *Entreacto*, fundado annos antes por Almeida Garrett.

O objectivo era atacar Emilio Doux como estrangeiro, e portanto inutilisal-o como incapaz de crear escola no paiz.

N'esse intuito appareceu o *Desenjoativo Theatral*, que tratou desde logo de verberar a immoralidade dos dramas que «em linguagem mascavada» (sic) se punham em scena n'aquelle theatro, e pedindo ás familias honestas «que não frequentassem tal casa de espectaculos QUE ESTAVA BEM LONGE DE SER ESCOLA DA ARTE DRAMATICA NACIONAL».

— Pois que! — exclamava o *Desenjoativo* — como póde um francez produzir bons discipulos se elle mal sabe a lingua portugueza!

Esta blasphemia dirigida á Arte, a essa sublime deusa que tem por throno não um povo, mas o universo inteiro, essa insinuação, malevola, injusta, lançada aos relevantes meritos do eminente ensaiador era escripta pelo redactor em chefe do *Desenjoativo Theatral*, Rodrigo de Azevedo Sousa da Camara, rapaz taful da grande róda dos peraltas e filho do notavel poeta e desembargador José Pedro de Azevedo Sousa da Camara.

Estava a pedir correctivo esse arrojo, insuflado talvez pelos poetas da *Commissão litteraria regeneradora do theatro portuguez*, e muito mais quando, entre outros apódos o *Desenjoativo* vomitou a injuria de que «os discipulos de Emilio Doux nunca viriam jamais a ser soffriveis, quanto mais bons actores! (¹)

Para castigar a insolencia appareceu a *Atalaia Nacional dos Theatros*.

Esse periodico, redigido por João Baptista Ferreira, um dos homens mais conhecedor de theatro n'aquelle tempo, e por Luiz José Baiardo, que adoptou o pseudonymo de *Caixa de Ruffo*, veiu abrir tão profunda brécha na vaidade do *Desenjoativo Theatral*, assentou-lhe taes *rufadas*, tanto em cheio, que não tardou que o fizesse meter a viola no saco e se *recolhesse a bastidores*.

Francisco Fructuoso Dias, confessou-se vencido e dizem que cahiu aos pés de Emilio Doux e lhe fez *amende honorable*.

Consta que Emilio, caracter imbelle, franco e nobillissi no, perdoou a feia ingratidão, mas de certo não a esqueceu.

Os redactores dos dois jornaes tambem vieram ás boas.

Em fins de agosto de 1838, estava terminada a lucta. A reconciliação effectuou-se no *Escoveiro* ante uma copiosa ceia onde, a par da torrente inspiradora da fonte d'Aganippe, correram os bellos nectares do Porto e Champagne e esfuziaram os bons ditos de espirito subtil e da franca e galhofeira gargalhada.

A guerra estava finda e os dois jornaes, que só para ella haviam nascido, deposeram as armas na esplanada do bom senso não tardando — á falta do elemento que os tinha gerado - - a morrerem abraçados ao som d'um osculo de paz e n'um estretor de confraternidade serodia.

Assim findou uma contenda que havia chegado ao rubro e que deu que fallar nos *foyers*, mas d'essa abençoada lucta sahiram primores taes como Emilia das Neves, Epiphanio, Theodorico, Anastacio Rosa, Tasso, Sargedas e Delphina.

Quando d'estas pelejas resaltam clarões de tão offuscante brilhantismo devem ellas ser registradas em lettras diamantinas pelas gerações futuras.

Nós apenas nos cumpre rememoral-as n'estas modestas linhas, dedicadas áquelle nosso bom amigo, o illustre e indefesso escriptor, a quem pedimos venia para lh'as offerecer.

Silva Pereira.

(¹) Note-se que o actor Dias, com todo o seu tino e supremacia theatral, só produziu dois bons discipulos: Sargedas e Delphina.

A HERANÇA DO BASTARDO

Romance original

XVI

Pesquizas de Luiz

Não adiantava mais o relatorio do capellão do convento, encarregado por Soror Maria Paula de seguir a pista dos roubadores do filho da irmã Soledade, antes ficava mais aquem do que o que Luiz soubéra pela bocca das primas de Anninhas.

Encontrava se n'elle, é verdade, minuciosamente explicado quantas peças de roupa a creança vestia na occasião de ser tirada a sua mãe e a qualidade e côr d'algumas; fallava-se de um S marcado no envolvedouro e no signal de uma flor no hombro esquerdo, porém, só por este ultimo indicio é que talvez se podesse provar a identidade do filho de Luiz entre duas creanças expostas em condições similhantes, porque, em quanto ás roupas seria possivel que as conservassem ainda guardadas aquelles que o haviam recolhido, no fim de decorridos sete annos?

Citavam-se tambem os nomes dos dois ciganos que haviam sido os cumplices assalariados pelo morgado, um dos quaes, Varel, havia sido preso por um crime de assassinato, em Mourão, dois dias depois de terem exposto o filho de Anninhas, nos degraus da egreja de S. Sezinando, e o interrogatorio que o capellão fizera ao cigano no proprio carcere, mas no qual nada mais pudera apurar em proveito do que tanto o trazia empenhado,

Até á exposição da creança todas as circumstancias se ligavam e coordenavam, d'ali por deante o mais tenebroso mysterio envolvia este crime.

As primas de Anninhas haviam tido um pressentimento ao ouvirem dizer ao abbade de Baleizão, quando fôra a Louredo procurar Ayres Pinto, primo do corregedor de Beja, para com elle tomar conselho sobre o que tinha a fazer, afim de que a educação de Emilio se desenvolvesse como merecia a intelligencia que mostrava, que essa creança tinha sido encontrada haveria sete annos nos degraus d uma egreja, em Beja.

Mas não seria esta coincidencia um capricho mais do acaso para zombar dos que tanto empenho tinham em encontrar o filho de Anninhas?

— O que deverias ter feito immediatamente, objectou Fernando em tom de censura, era ir indagar quaes os pontos de contacto que se davam entre teu filho e essa outra creança encontrada em circumstancias tão similhantes.

— Estava n'esse proposito, disse Luiz, quando os ultimos acontecimentos politicos vieram impedir a minha partida para aqui. Como te disse cheguei do Brazil em fevereiro d'este anno, e no mez seguinte já tinha em meu poder a carta de Ayres Pinto para o abbade de Baleizão. Mas deveria ir, deixando minha tia em Louredo, abandonada completamente de todos os soccorros, no meio de uma invasão estrangeira? A impaciencia torturava-me, porém conformei-me e esperei para quando estivessemos n'esta cidade. Os inesperados successos que se acabam de dar aqui, obrigaram-me a adiar até hoje esse meu desejo que, podes crer, tem sido o mais vehemente de toda a minha vida. Se não fosses tu poder-me-hia arriscar sosinho por esses caminhos, sem o perigo de ser agarrado pelos francezes como suspeito de patriota, e fuzilado depois de me julgarem em processo summario? Além d'isso sabendo que Ayres Pinto havia subitamente desapparecido de Beja, sem até hoje se ter averiguado se esse desapparecimento fôra motivado pela fuga ou por ter tido a sorte das primas de Anninhas, que pereceram no incendio deitado á casa do corregedor pelos revoltosos, achava irrisorio ir apresentar-me agora ao abbade com uma carta escripta em data muito anterior, sem primeiro ter a certeza de que Emilio continuava em sua companhia.

— Tambem sou da mesma opinião, e por tanto o melhor é começarmos por fallar aos paes adoptivos d'esse rapaz, que talvez nos possam prestar alguns esclarecimentos preciosos.

— E agora não adiarei por mais tempo a minha ida a Baleizão, amanhã partirei.

— Irei comtigo.

Isto assente os dois amigos despediram-se e recolheram-se aos seus quartos, cada um com o pensamento preoccupado de bem differentes idéas.

Luiz idealisando o encontro de seu filho e tornar Anninhas sua mulher á face do mundo; Fernando em accumular todas as provas esmagadoras para o morgado de Louredo, e, ou fazel-o confessar publicamente a innocencia de sua mulher e a restituir-lhe a sua fortuna ou a entregal-o á acção da justiça.

Quando no dia seguinte, Luiz, apenas viu raiar o dia, desceu para o pateo, ficou surprehendido não só de encontrar dois dos melhores cavallos de Gustavo Telles apparelhados e enfreados escavando a terra com impaciencia, como de ver entrar Fernando que já vinha de fóra.

— Suppunha que estivesses ainda no teu quarto?

— Foi-me impossivel conciliar o somno. Venho já da Misericordia e trago-te boas noticias de Anninhas. Encontrei-a hoje mais socegada e a doença parece ter tomado um caracter accentuadamente benevolo. O ferimento está completamente curado e a lucidez de espirito affirma-se progressivamente. Disse-te que em oito dias te diria francamente o que pensava do seu estado. Posso dizer-t'o já. Anninhas está salva, mas teremos de sujeital-a a uma commoção forte para que todas as suas faculdades despertem de novo para a vida, e o novo sangue que lhe gira agora no cerebro, agite por um impulso violento os orgãos que a anemia, deixando inertes por tanto tempo, esteve a ponto de atrophiar.

Ao ouvir isto a commoção não deixou que Luiz dissesse uma unica palavra de agradecimento ao seu amigo, porém, um impetuoso aperto de mão traduziu bem o que os labios se negavam a proferir. Em seguida Luiz e Fernando montaram a cavallo e puzeram-se a caminho.

Baleizão, como já dissémos, fica a quatorze kilometros de Beja.

Como bons cavalleiros que eram, os dois amigos, em pouco mais de cinco quartos de hora poderam avistar as casas caiadas da aldeia.

— As informações que tenho da morada onde devo encontrar os paes adoptivos de Emilio, são muito vagas, e por isso não sei onde vou nem o nome das pessoas que hei de procurar, disse Luiz.

— Isto é um logarejo que se percorre em meia hora, contestou Fernando.

Quando chegaram ás primeiras casas, á entrada da aldeia, apearam-se e foram caminhando levando os cavallos á mão.

Evitavam assim os solavancos que necessariamente lhes havia de produzir o caminho irregular, que tinham de percorrer para entrar no seio da villa.

Haviam dado alguns passos, apenas, quando passou perto d'elles um trabalhador do campo. Luiz tomou indagações dando alguns signaes. O homem ao ouvir o nome do pequeno, exclamou:

— Emilio, bem sei. Um rapaz trazido de Beja. Tenho uma ideia de ter ouvido fallar n'isso ha uns bons sete annos. Deve ser, deve .. Olhem meus amos ao fim d'esta ruasita voltem á esquerda. Hão-de ver ali umas terras de semeadura e n'uma especie de meia laranja um carro de bois defronte d'uma porta. Batam. Mora ali o Pedro Miguel, elle depois lhes poderá informar do resto.

Fernando e Luiz deram uma boa gorgeta ao trabalhador e seguiram as informações indicadas.

Pedro Miguel andava na terra lavradia, a mulher cosia sentada no degrau da porta.

Genoveva quando viu apparecer Luiz e Fernando ao principio da rua disse para o marido:

— Logo pela manhã temos visitas cá na terra. Quem serão aquelles dois fidalgos? Não os conheço...

— Nem eu, confirmou Pedro Miguel!

— Que virão elles fazer por aqui? Só se vão lá acima ao moinho por ser um bello ponto de vista!

E Genoveva deixou de coser para seguir os desconhecidos que cada vez se aproximavam mais.

Ao chegarem perto d'ella pararam e Luiz dirigiu-lhe a palavra.

— E' aqui que mora o sr. Pedro Miguel?

— E' sim meus senhores... mas...

— Precisamos fallar lhe...

— Não se póde estorvar muito, temos trovoada e vae d'ahi está a cobrir a cebola para não se estragar.

— Esperaremos. Traz nos um caso de importancia, que talvez para o sr. Pedro Miguel seja até um bello negocio!

— Ah! então se é *negoicio* vou chamal-o. Queiram entrar, queiram entrar.

Mas ainda Genoveva não tinha concluido já o marido d'um salto transpozera a distancia entre a terra lavradia e a porta de casa, e mostrava-se atraz de Luiz e Fernando de barrete na mão em tom respeitoso.

Genoveva ao vel-o disse para os dois amigos:

— Ahi chega o meu Pedro Miguel... Vem cá, estes senhores querem fallar-te sobre um *negoicio*.

— Ora essa accudiu o Pedro Miguel, que estava pasmado. Se é por causa da cebola já a tenho toda vendida.

— Não se trata de cebola sr. Pedro Miguel, mas d'uma creança que tem em sua companhia.

— Quem do Emilio!

— D'esse mesmo.

— Tivemol-o muito tempo comnosco, tivemol-o isso é verdade... mas ha cousa de seis mezes que está servindo o sr. abbade... Os srs. hão de desculpar mas como somos pobres... vae d'ahi...

— Não mentiram as primas de Anninhas, disse Luiz a meia voz para Fernando. E depois mais alto para Pedro Miguel:

— Antes de mais nada queira responder: em que condições encontrou essa creança e ha quantos annos?

— Annos devem haver perto d'uns oito, que são os que eu calculo que Emilio tenha de idade. Encontrei-o uma manhã quando vinha na minha *Cigarra* para Baleizão. Pareceu-me sentir chorar, apeei me e dei com Emilio, que era ainda de dias, embrulhado no farrapo d'uma manta... tive dó, levantei-o dos degraus de pedra. Estava irregelado, e *trouve-o* para Baleizão onde se creou e fez um rapaz que nem uma flor. Fizémos todos os sacrificios e até que podémos nunca nos separamos d'elle. Era o nosso filho! Ha mezes que não tivemos outro remedio senão começar a pensar no modo de vida que lhe haviamos de dar. Elle já estava *grandesinho* e nós não temos meios de fortuna para sustentar cavallos de estado...

A comparação era bastante rude e Luiz olhando para Fernando franziu o sobr'olho, como quem lhe desagradara a phrase.

Pedro Miguel comprehendeu-o e tratou de remediar o mal:

— Ah! mas o Emilio mereceu sempre bem todos os sacrificios que fizémos por elle. Porque o sr abbade tem-nos dito que quando falla a nosso respeito é sempre com muitas saudades nossas.

Aqui o Pedro Miguel achou conveniente levar o lenço aos olhos.

— E nos degraus de que egreja encontrou Emilio? Poder nos ha dizer?

— Isso agora é que não estou bem certo. Como poucas vezes tenho ido a Beja... mas espere ahi, elle é assim um nome esquisito...

— S. Sezinando, acudiu Luiz, cuja impaciencia era enorme...

— Isso, isso, S. Sezinando.

— E' elle!

E Luiz, que se conservava de pé. cambaleou, como se tivesse recebido o choque inesperado de uma pilha electrica.

— Preciso ver immediatamente essa creança. E se for possivel, leval-o commigo.

— Leval-o! Pois querem levar-nos o Emilio? Atalhou Genoveva. Elle que era a luz dos nossos olhos!

— Levarem-no, quando era todas as nossas esperanças e podiamos tirar algum proveito dos annos que o estivémos sustentando.

— Quem nos embolsa agora de tantos prejuizos?

Luiz sentiu-se vexado por aquelle tiroteio em que se advinhava o caracter mercenario dos paes adoptivos de Emilio, e tirando do bolso um punhado de moedas de ouro collocou-as sobre uma arca que estava á entrada da porta.

— Não é isto sómente que lhe destino como recompensa dos seus serviços a Emilio, se como disse, o tratou como verdadeiro pai.

— Dou por testemunho a aldeia em peso, meu senhor! Demais quer leval-o, é porque tem direitos sobre o pequeno... Mas não nos leve estas lagrimas a mal. Vimol-o crescer ao mocinho e temos-lhe amisade muito cá do fundo.

Genoveva viu que era occasião de limpar tambem os olhos com o avental, fingindo-se muito sensibilisada, mas a verdade é que ella não perdia de vista o ouro que Luiz tinha posto sobre a arca, para cima d'umas sessenta moedas, e no intimo a sua grande pena era não as ter já na mão.

Pedro Miguel estava igualmente possuido da mesma anciedade, mas não se atrevia a tocar-lhe.

— Emquanto a qualquer gratificação que nos quizerem dar, acrescentou Pedro Miguel, como não somos ricos, obriga-nos a necessidade a aceital-a. Pois olhem que nos é custoso ter de receber a paga da creação de Emilio.

— Pois sim, mas queira indicar-nos onde é a casa do sr. abbade.

— Eu vou acompanhal-os meus fidalgos, mas hão de me dar licença que vá vestir uma jaqueta mais limpinha do que esta...

Pedro Miguel e Genoveva entraram no interior da casa emquanto Fernando e Luiz ficaram esperando á porta.

Ao mesmo tempo que Pedro Miguel mudava de fato dizia para a mulher:

— Eh! Eh! não te dizia que o pequeno ainda nos havia de deixar grande maquia. O diabo é se o sr. abbade dá com a lingua nos dentes... Ora adeus aquellas moedasitas que lá estão sobre a

arca já ninguem m'as tira, e se não se poderem arranjar mais para fazer companhia áquellas, não se perde tudo. Olha, logo que elles voltarem costas vae guardal-as bem guardadas n'aquella caixa que está no quarto, e onde temos juntas as nossas economias.

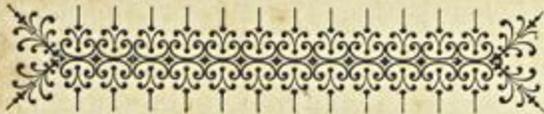
— Vê sempre se diligenceias apanhar-lhes mais alguma coisa. O serviço que fizémos ao pequeno foi grande, e os pais parece que são assim pessoas de teres.

— Deixa o negocio por minha conta.

E entrando na casa onde ficara Luiz e Fernando:

— Teem-me ás suas ordens meus fidalgos.

Os tres saíram e dirigiram-se para casa do sr. abbade.

(Continúa) *Julio Rocha.*

REVISTA POLITICA

Emquanto os jornaes de Hespanha e de Portugal se entreteem a publicar as conversações, mais ou menos authenticas do sr. Canovas com varios jornalistas de Madrid, sobre a situação de Portugal. Emquanto o partido republicano vae fazendo as mais curiosas revelações dos pôdres que lhe vão por casa, em finesa aos que trescalam nos arrayaes contrarios. Emquanto na scena politica, emfim, se vão exhibindo estas peças, as que nos vem de fóra, com todos os ares mysteriosos e ameassadores da nossa authonomia, se bulirmos um dedo com que a Hespanha se encommode, e as de casa mostrando a immensa miseria moral que por todos os lados transunda, vae-se operando uma certa reacção em favor das velhas instituições, reacção que era de esperar depois dos attaques que se tem feito ás mesmas instituições.

Tinham esfriado muito os enthusiasmos populares pela monarchia. Os foguetes ha muito que não estalavam no ar as suas bombas festivas, annunciando a chegada da familia real a qualquer cidade ou villa do paiz. Os trombones conservavam-se no mais sorumbatico silencio a respeito de hymnos reaes. A situação, emfim, era das mais dubias, muito semilhante á d'aquelle soldado que, ao atravessar uma ponte muito velha, se lembrou de Deus e do Diabo ao mesmo tempo, tendo para si que, se Deus era muito boa pessoa, o Diabo tambem não era mau sujeito, mas que por fim acabou por concordar que tão bom era um como era outro, depois de ter passado o perigo.

N'este caso, porem, se o perigo não passou, é preciso concordar que elle não tem a grandeza que se imaginava, e para o provar basta attentar nas manifestações de sympathia publica que se estão prestando aos monarchas, hontem na sua visita á Beira Baixa, hoje na sua ida para Cascaes, e na Granja á sr.ª D. Maria Pia e ao sr. infante D. Affonso

Esta reacção em favor da monarchia será de bom alcance se ella se affirmar n'uma reacção de vitalidade para o paiz, que tem vejetado, n'estes ultimos tempos, n'uma situação cruel.

Possam avivar se no espirito publico convicções firmes. Possam todos unirem-se em volta d'essas convicções com a confiança precisa, que tudo estará salvo.

O que não póde continuar é este estado de incertezas em que tem vivido, sempre no receio de perturbações prematuras, de partos abortivos, quasi sempre dolorosos e sem fructo que preste.

Não somos nós que o dizemos, é um dos jornaes mais avançados e ao mesmo tempo mais moderado — de certa época para cá — que o aconselha aos seus collegas mais exaltados, onde parece que fervilham novos planos tão temporões e lamentaveis como os que vieram a soppuração em 31 de Janeiro de triste memoria.

Agora mais do que nunca a Europa tem os olhos em nós. Alguma vantagem se havia de tirar do celebre *ultimatum*, que veio despertar as attenções de fóra e as de dentro, acordando-nos do doce lethargo em que levavamos a vida.

É preciso luctar e muito.

Não compliquemos, porém mais ainda essa lucta, criando obstaculos que nos esgotem as forças, dividindo as em detrimento proprio.

A occasião não é asada para tentativas. Já tivemos uma amostra d'essas tentativas e ainda lhe estamos soffrendo as consequencias.

Se a reacção que principia a operar-se é um symptoma de vida, essa vida que se avigor, porque é o mesmo que avigorar a patria, e a patria está primeiro que as paixões politicas

São estas as ideas que para ahi correm na imprensa e no publico, e que nós aqui registamos, na nossa tarefa de darmos conta do que se passa pela politica.

De resto, varios boatos de crise ministerial, que não fazem grande carreira, e o anuncio do pagamento do copon em outubro, que esse é que corre com a velocidade electrica, justamente pelo receio em que muitos estavam de que elle não andasse nem a passo de boi.

Este annuncio tirou muitas almas do purgatorio, e deu com a chibatinha em muitos bons agiotas que estavam arranjando o seu negociosinho, e para que os leitores nos não accusem de regatear-mos uma tão boa nova, é que nos apressamos a dizer lhes que os seus couponsinhos estão garantidos, e para o mez que vem lá tem o jurisinho que ainda seja em papel, porque metal *non ay*.

João Verdades.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos :

Relatorio *dos actos da direcção da Associação Commercial do Porto no anno de 1890, apresentado á assembléa geral, em sessão de 23 de abril de 1891, sendo 1.º secretario* Carlos Ferreira Meneres. Porto. 1891. Um vol. de 180 paginas in-8.º com grande numero de mappas estaticos do movimento commercial de importação e exportação pela alfandega do Porto. Este relatorio é da mais alta valia para o commercio portuguez e mostra a importancia dos trabalhos da Associação Commercial do Porto, a sua vitalidade, nas questões que tem tratado de interesse para a classe e para o paiz em geral.

Historia da Luzitania e da Iberia : — Estão publicados os fasciculos n.os 23 e 24 da monumental obra de João Bonança (Livro IV capitulos II a IV) que, alem do assombroso estudo das aguas medicinaes de Lisboa, trata da flora lusiberica, com o rigor scientifico, deducção logica e essa extraordinaria lucidez que o grande historiador imprime a todos os seus trabalhos. Está publicado o primeiro volume

Assigna-se por fasciculo de 32 paginas, preço 400 reis. no acto da entrega; preço por vol. 6$000

Elementos para um diccionario de geographia e historia portugueza, *concelho d'Elvas e extinctos de Barbacena, Villa-Boim e Villa Fernando*, por Victorino d'Almada. Elvas. Tomo II de 556 paginas e 3 de indice in-8.º grande. Quando o sr. Victorino d'Almada nos brindou com o primeiro tomo d'esta obra, dissemos o que sobre a sua importancia se nos offerecia, não podendo deixarmos de notar a dedicação e amor com que tem procedido n'estas investigações historicas bastante minuciosas e de largo subsidio para a historia do nosso paiz. O segundo tomo com que o auctor agora se dignou brindar-nos vem coroborar tudo que então dissemos.

Agradecemos ao sr. Victorino d'Almada tão valiosa offerta.

Adolpho, Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro, 25 a 43

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

LINHA DA BEIRA BAIXA — Ponte sobre o Zezere

(Desenho do sr. L. Mauritty)